# O GRAFITE E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO URBANO: INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E ARTE

# GRAPHITE AND THE FORMATION OF THE URBAN GEOGRAPHICAL SPACE: INFORMATION, EDUCATION AND ART

# GRAFITO Y LA FORMACIÓN DEL ESPACIO GEOGRÁFICO URBANO: INFORMACIÓN, EDUCACIÓN Y ARTE

Elisabete Gonçalves de Souza<sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil

Letícia de Souza Blanco<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: A arte grafiteira é uma das expressões estéticas mais acessíveis à sociedade. Exposta nas ruas das grandes metrópoles, ela transmite mensagens sobre o que é vivido na sociedade, consolidando-se como um meio de comunicação em que a arte está a serviço da fruição, da informação e da denúncia. Os objetivos deste trabalho são conhecer as origens e o desenvolvimento dessa arte urbana e compreender de que maneira o grafite pode ressignificar o espaço em que se inscreve. A metodologia usada foi o estudo exploratório por meio de revisão de literatura. Procurou-se analisar de que forma o grafite intervém na paisagem urbana, especificamente seu efeito na compreensão dos sentidos de cidade. Conclui que a arte grafiteira tem os muros e fachadas não só como suporte, mas como plataforma discursiva a expressar a polifonia da cena urbana.

Palavras chave: Grafite; Geografia urbana; Arte e educação.

**Abstract :** Graffiti art is one of the most accessible aesthetic expressions to society. Exposed on the streets of the biggest metropolis, it conveys messages about what is experienced in society, consolidating itself as a means of communication, in which art is in the service of fruition, information and denunciation. The objective of this work is to know the origins and development of this urban art and to understand the way in which graffiti can resignify the space in which it is inscribed. The methodology used was an exploratory study through a literature review. It provides analyzes how graphite intervenes in the urban landscape, especifically its effect on understanding the senses of the city. It concludes that graffiti art has the walls and façades not only as a support, but as a discursive platform to express the polyphony of the urban scene.

**Keywords**: Graphite; Urban geography; Art and education.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense. Professora do Departamento de Ciência da Informação. E-mail: <u>elisabetes.souza@gmail.com</u>

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense. Licencianda em Geografia. E-mail: <u>leticia.blanco802@gmail.com</u>

Resumen: El arte del graffiti es una de las expresiones estéticas más accesibles para la sociedad. Expuesto en las calles de las grandes ciudades, transmite mensajes sobre lo que se vive en la sociedad, consolidándose como un medio de comunicación, en el que el arte está al servicio de la fructificación, la información y la denuncia. Los objetivos son conocer los orígenes y el desarrollo de este arte urbano y comprender cómo el graffiti puede resignificar el espacio en el que está inscrito. La metodología utilizada fue un estudio exploratorio a través de una revisión de la literatura. Intentamos analizar cómo interviene el grafito en el paisaje urbano, específicamente su efecto en la comprensión de los sentidos de la ciudad. Concluye que el arte del graffiti tiene muros y fachadas no solo como soporte, sino como plataforma discursiva para expresar la polifonía de la escena urbana.

Palabras clave: Grafitti; Geografía urbana; Art y educación.

## 1. INTRODUÇÃO

O grafite se constitui em uma das artes mais acessíveis por parte do público já que sua localização não está restrita a museus e/ou galerias como as demais obras de arte. O grafite está exposto nos muros e paredes das grandes cidades a todos os indivíduos cotidianamente, consolidando-se assim como uma das artes mais inclusivas.

Mas, por não estarem em instituições culturais instituídas para receberem obras de artes, os grafites, muitas vezes, são marginalizados e esquecidos e vistos como pichações, forma pejorativa ainda atrelada a esse tipo de expressão artística. Logo, percebe-se que o fato de o grafite se manifestar em um espaço informal (as ruas) faz com que o seu reconhecimento como arte visual ainda receba resistências.

No entanto, como comentam Blauth e Possa (2012, p. 152) "[...] o grafite está sendo discutido e inserido cada vez mais em diferentes espaços culturais, inclusive no meio acadêmico, gerando discussões entre artistas, críticos e apreciadores de arte", sendo reconhecido e legitimado como arte pública, afastando-se dos olhares preconceituosos que durante muitos anos foram responsáveis pela sua marginalização estética.

O grafite é uma arte sensível que interfere na construção do espaço urbano. E, como toda arte pública, mediante sentidos que lhe são atribuídos pelos espectadores, repercute na paisagem em que se insere.

Conforme Albuquerque (2004), os grafites são intervenções que transformam o espaço urbano em um lugar de divulgações, cujas telas são as paredes dos prédios e viadutos, e a moldura é a cidade, pois "tudo está dentro dela como numa moldura"

(ALBUQUERQUE 2004, p. 7). Nesse processo, a cidade se revela para seus cidadãos, não apenas como um espaço onde as funções públicas e privadas acontecem, mas como um arauto que por meio da arte informa, comunica, anuncia, denuncia.

O presente trabalho discute a relação da arte do grafite com a ressignificação<sup>3</sup> do espaço urbano. Trata-se de uma pesquisa teórica-conceitual, pautada em revisão de literatura sobre o tema arte grafite, articulando-o com os conceitos de espaço, arte, cidade e informação. As unidades que compõem o artigo dividem-se em: a história do grafite, o grafite na (re)construção do espaço e da paisagem e o grafite e a cidade: informação, educação e arte.

#### 2. A HISTÓRIA DO GRAFITE

O grafite tem inspiração nas artes rupestres feitas pelos homens na pré-história. Apesar de serem usados outros materiais para confecção dos desenhos, tratava-se do mesmo propósito: a comunicação.

Os nossos primórdios, os ancestrais já rabiscavam com sangue e pigmentos as paredes das cavernas, a fim de revelarem ao grupo e à posteridade (involuntariamente) seus sucessos e fracassos nas caçadas, seus rituais de dança, sua religiosidade, sua maneira de viver (BLAUTH; POSSA, 2012, p.152).

Os desenhos rupestres feitos com pigmentos de plantas e sangue de animais retratavam práticas cotidianas do grupo como a caça e coleta de sementes. A comunicação por desenho, ou seja, visual, era a forma de comunicação predominante naquele momento, a pré-história, sendo estes registros – denominados hoje de arte rupestre – ainda presentes nas cavernas de vários lugares do planeta.

Nota-se que desenhar em rocha e paredes é uma característica do homem que, enquanto sujeito de sua existência, vem demonstrando desde os primórdios o desejo de registrar a sua ação sobre a natureza, de se comunicar e ensinar. Afastando-se da analogia e do anacronismo histórico, podemos ver nos grafites o mesmo desejo:

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Neste trabalho, o conceito ressignificação apoia-se na reflexão de Bandler e Grinder (1986). Para os autores, ressignificar consiste em modificar "[...] o molde pelo qual uma pessoa percebe os acontecimentos, a fim de alterar o significado. Quando o significado se modifica, as respostas e comportamentos da pessoa também se modificam" (BANDLER; GRINDER, 1986, p.9).

comunicar, informar, educar o olhar para o entorno (de si e do outro), em uma paisagem em que todos são anônimos – a cidade.

Segundo Blauth e Possa (2012) o grafite surgiu nos Estados Unidos como arte urbana na década de 1960-70, fruto do rompimento dos artistas com os espaços convencionais como os museus. Isso fez com que as obras extrapolassem o espaço formal, expandindo-se para áreas diversas como as ruas das metrópoles.

O grafite inicia-se como manifestação artística e política àquilo que se tinha como padrão social e artístico, como forma de resistência e denúncia. Os grafiteiros pioneiros vieram de grupos marginalizados da sociedade como as minorias étnicas e raciais, como negros e emigrantes (TARTAGLIA, 2013).

Para Blauth e Possa (2012), o grafite vai além do rompimento artístico, sendo reconhecido como ideologia de vida, ou seja, um modo de viver e pensar a vida. Os grafiteiros possuem sua própria linguagem, música e vestimentas que vão contra os padrões estéticos de artistas convencionais, rebelando-se contra a cultura hegemônica impositiva.

Como todas as expressões artísticas que rompem com os padrões estéticos dominantes, o grafite foi marginalizado, vindo a ganhar maior destaque nos últimos anos, sendo reconhecido como arte a partir de atitudes dos próprios artistas que:

[...] vêm apagando a imagem de marginais, buscando autorização para suas pinturas e participando de campanhas sociais, justamente para afastar crianças e jovens das ruas, da marginalidade e das drogas, as quais sempre foram associadas a esse grupo. O grafite, cada vez mais, desmistifica seu caráter marginal, ampliando-se, dessa forma, os estudos em relação aos acontecimentos estéticos, sociais e ideológicos desse movimento artístico. (BLAUTH; POSSA, 2012, p. 159).

Na periferia das metrópoles a arte grafiteira não só é uma forma de escapar da realidade social desigual e dura, mas também um caminho para denunciar, como se o risco do *spray* fosse um grito. A força de sua estética e de suas temáticas fez com que ganhasse espaço e reconhecimento por aqueles que consideram o grafite sinônimo de transformação social, afastando-o da concepção de arte marginal.

Tartaglia (2013) chama-nos a atenção que "[...] grafitar muros e paredes não é um fenômeno recente, mas que ganha maior notoriedade contemporânea a partir de outro fenômeno semelhante: a pichação" (TARTAGLIA, 2013, p.193). O autor comenta que, apesar de muitos confundirem grafite com pichação achando que são a mesma

coisa, trata-se de elementos de sentidos totalmente distintos, sendo a palavra pichação usada erroneamente como sinônimo de grafite a fim de depreciar o movimento grafiteiro. Percebe-se que o grafite, objeto desta pesquisa é:

[...] frequentemente posto em dualidade com a pichação, em que o primeiro se caracteriza por um tipo de intervenção geralmente não autorizada, porém com uma maior preocupação estética em relação à pichação, marcada por cores e formas pictóricas, enquanto a pichação investe mais em formas de escrita monocromática e é fruto de preconceito social (DOMINGOS; ELOY; FERNANDES, 2017, p.3).

Pichações podem ser frases, nomes ou até mesmo símbolos ou letras que são irreconhecíveis para a maioria da sociedade que desconhece o significado, apresentando apenas um signo simbólico para determinado grupo. Já o grafite é um desenho, às vezes estilizado, que tem como objetivo embelezar a paisagem e/ou transmitir uma mensagem com crítica social para os espectadores. O uso de cores, formas e contornos escolhidos pelos artistas e utilizados nos grafites os diferenciam das pichações.

Nos espaços urbanos, essa arte visual ganha maior visibilidade e tem a capacidade de ressignificar o espaço e a paisagem em que se encontra. O grafite é capaz de fazer isso a partir dos sentimentos que ele proporciona aos espectadores por meio da fruição estética. Dessa maneira, um espaço esquecido, marginalizado pode se transformar em local lembrado a partir dessa ressignificação, mudando totalmente a visão dos indivíduos em relação a ele.

### 3. O GRAFITE NA (RE)CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO E DA PAISAGEM

Como Santos (2002) afirma, o espaço geográfico é permeado por um sistema de ações e sistema de objetos. Os objetos "são obras do homem" (SANTOS, 2002, p. 63), ou seja, a sua existência não depende dos sujeitos que os percebem ou os conhecem, os objetos têm sua própria existência. As ações definem os sentidos dos objetos, sendo algo subjetivo. Dessa forma, o grafite é colocado como objeto e o sentimento que ele fomenta quando o vemos é a ação que constrói o sentido do que é o espaço. O conjunto de objetos que percebemos, e ações, sentido que produzimos, formam o espaço geográfico que apresenta um valor social agregado.

Nessa direção, o espaço pode ser definido como "[...] resultado e condição da dinamicidade de relações que os homens estabelecem cotidianamente entre si, com a

natureza e consigo mesmo." (ABRÃO, 2010, p.48). Ou seja, o espaço é construído continuamente mediante as relações que o indivíduo nutre com os demais e com a natureza que o cerca. Por meio destas interações o sujeito é capaz de dar, por meio de ações, intencionalidades/sentidos aos objetos presentes no espaço, produzindo funcionalidades a estes, transformando o espaço natural em espaço geográfico. Assim, o espaço se consolida como um híbrido de objetos e ações (SANTOS, 2002).

A arte grafiteira tem o poder de ressignificar o espaço que ocupa. Com a presença da obra e a observação pelas pessoas, o espaço ganha um novo sentido que varia segundo a subjetividade daquele que o observa. Ou seja, o espaço não está imune de valores sociais. Ele, na verdade, é a todo tempo ressignificado por nós e pelos elementos que estão presentes.

Como Blauth e Possa (2012, p.149) apontam "[...] a arte, ao propor outras possibilidades de percepção através dos sentidos, oportuniza a individualização dos lugares, dos locais e dos espaços". A partir dos grafites e sua exposição, o espaço ganha uma particularidade que o diferencia diante dos demais existentes. O grafite atribui um sentido ao espaço geográfico que ocupa, na medida em que faz as pessoas que o frequentam percebê-lo de forma distinta em relação ao que era antes da obra. O sentimento que aquela obra fomenta nas pessoas faz com que elas passem a ver aquele espaço, que contém a obra, de forma única e subjetiva.

Santos (2002) comenta que a paisagem é fruto da interação do indivíduo com a natureza, ou seja, é o conjunto de objetos concretos independente de sua temporalidade. A paisagem se caracteriza pela distribuição desses objetos que mudam de sentido ao longo dos anos. As significações que são atribuídas à determinada paisagem estão relacionadas com os objetos que ela contém. Dessa forma, o grafite pode atuar como objeto modificador do significado e da estética de uma paisagem urbana.

"A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza [...] [ela é um] conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área [...]" (SANTOS, 2002, p.103). Assim, a paisagem são as formas materiais que são vistas no espaço pelos sujeitos. Estas formas são construídas por diferentes sociedades mediante suas necessidades, sendo a paisagem expressão do processo

"histórico acumulado" (SANTOS, 2002, p. 107) da relação homem-natureza. É sobre essa materialidade que a arte grafiteira intervém.

Tartaglia (2013) aponta que o grafiteiro apresenta uma visão diferenciada da paisagem urbana em relação às demais pessoas que transitam pela cidade. Para o autor a principal diferença consiste na percepção da paisagem. "Na representação de sua territorialidade, cada grafiteiro pode criar a sua própria paisagem, inserindo-a na paisagem urbana" (TARTAGLIA, 2013, p.196). Cada artista cria, assim, sua própria paisagem com suas obras. A paisagem urbana altera-se e é criada por meio dos grafites já que um novo sentido lhe é atribuído não somente pelos espectadores que vislumbram a obra, mas também pelo próprio artista que a realiza.

Além de ressignificar o espaço, o grafite também ressignifica a paisagem. A paisagem é tudo o que vemos e sentimos do mundo exterior. Ela é dinâmica, variando sua significação de acordo com o tempo e a sociedade que a permeia. O significado e o valor social que lhes são dados são mutáveis de acordo com o indivíduo ou com a sociedade. A sociedade ou indivíduo, de acordo com sua cultura e vivência, são responsáveis por dar algum sentido ao que observa (a paisagem).

O grafite, dada a sua exposição pública intervém no espaço. Seus traços, cores e formas fazem com que as pessoas parem e reflitam sobre o que está sendo retratado no desenho, arrebatando o espectador pela sua estética, chamando sua atenção para questões sociais esquecidas que recortam o espaço urbano. Enredada nessas contradições que essa arte se inscreve, transformando as ruas em espaços de arteeducação, em que por meio da fruição do prazer estético também se informa e educa.



Figura 1 - Grafite Av. Rebouças (São Paulo - SP) Artista: Eduardo Kobra

#### Fonte: Humpreys (2015)

Além do conteúdo crítico intrínseco ao grafite (Figura 1), há também o embelezamento que essa arte proporciona ao espaço e à paisagem em que se encontra. O colorido e os contornos bem feitos são chamativos e atraem olhares de todos. O grafite pode tornar um lugar esquecido em um lugar memorável, de acordo com o sentimento e emoções que a arte pode gerar no indivíduo. Apropriando-se dessa estética foram feitas revitalizações nas metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo.

De acordo com Goulart (2017), o grafite por ter sua origem nas comunidades das periferias das cidades, ainda sofre preconceito de diferentes segmentos da sociedade, tanto do setor público como privado, sendo estigmatizado como algo criminoso e de depredação do espaço, isso faz com que se envolva em uma luta diária pelo seu reconhecimento como arte.

Projetos como *O Grafite contra o lixo* (Figura 2) ajudam no processo de legitimação dessa arte visual. Este projeto fez com que áreas que antes eram destinadas a descarte de resíduos se tornassem locais de exposição de arte grafiteira, atribuindo, assim, um novo sentido e significado àquele espaço. Segundo Molena (2015, p. 115), "[...] o reconhecimento da sociedade e do poder público, [tornou o grafite] uma manifestação legítima de arte urbana, criando referências visuais e, quando não em excesso, embelezam a cidade". Mas a questão gera controvérsia, pois a legitimação do grafite levou à delimitação dos espaços e o controle do Estado sobre essas manifestações. Em 2017, por exemplo, a Prefeitura de São Paulo apagou grafites antigos junto com as pichações sendo essa ação chamada de "Cidade limpa". Em Nova York como em Londres, cidades de artistas como Basquiat e Ben Eine, também há políticas repressivas com relação ao grafite, sendo a pintura permitida apenas em alguns locais pré-determinados.



Figura 2 - Grafite Guanhanases (São Paulo - SP)

Fonte: Projeto Grafite Contra o Lixo [2016?]

Outro evento que auxiliou no reconhecimento do grafite como obra de arte foi a revitalização da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, por meio do projeto Porto Maravilha (2011-2014?), realizado pela Prefeitura da cidade. Com o projeto, as fachadas dos armazéns e prédios da região foram transformadas em suportes físicos para realização de grafites, modificando um espaço, antes cinzento e esquecido pela sociedade, em um museu de arte urbana.

Esse projeto coincidiu com um evento internacional que ocorreu na cidade, as Olimpíadas de 2016. Em virtude desse evento, muitos turistas vieram à cidade para conhecê-la e assistir aos jogos, consequentemente vendo os painéis que estavam expostos ao longo da zona portuária, cujas propostas urbanística e estética implementadas pela prefeitura proporcionaram a (re)significação deste espaço. É no Porto Maravilha que se encontra o mural *Etnias*, maior obra pública de arte grafiteira no mundo, de autoria do artista brasileiro Eduardo Kobra (Figura 3).

O mural é composto por cinco rostos indígenas, que representam os cinco continentes e os anéis olímpicos. Foi idealizado para falar sobre a união dos povos. Sua extensão é de 2.646,34 m², com 15 metros de altura, 170 metros de comprimento. Para ser realizado levou 70 dias e consumiu 1.890 litros de tinta branca para a base e 2.800 latas de tinta spray para a grafitagem (STORI; MARANHÃO, 2017).



Figura 3 - Grafite Etnias (Rio de Janeiro, RJ) Artista: Eduardo Kobra

Fonte: Gottardo [2018?]

Na Cidade de São Paulo há outro exemplo de ressignificação do espaço por meio do grafite: o Beco do Batman, localizado na Vila Madalena, bairro da região oeste da Cidade. O Beco tornou-se ponto turístico obrigatório para aqueles que apreciam essa arte urbana. O Beco surgiu no início dos anos de 1980 e está situado na Rua Gonçalo Afonso, próximo ao Cemitério São Paulo. Nessa época, conforme relata Valverde:

[...] O Beco não apresentava nenhuma importância maior para a vida social da cidade até então. Pequenos ateliês e algumas casas noturnas se espalhavam a sua volta, mas não contavam com maior visibilidade como espaço contestatório. Porém [...] A intervenção isolada de um morador sobre os seus muros, com a imagem do personagem Batman, estimulou a apropriação de outros muros do beco por parte dos frequentadores e moradores do bairro (VALVERDE, 2017, p. 229).

O autor considera a década de 1980 como marco, pois é nesse período que "[...] a dispersão das energias passaria a ser reorganizada com base no sentido estético da resistência [...]" (VALVERDE, 2017, p. 229) provocando novas formas de ocupação do espaço urbano. De acordo com o autor, antes dos grafites, o Beco do Batman (Figura 4) era um lugar esquecido pela sociedade, um lugar marginalizado. Com os grafites, a Vila Madalena passou a ganhar uma nova dimensão social. Hoje o lugar é reconhecido como "galeria a céu aberto" do grafite paulistano.



Figura 4 – Beco do Batman (Vila Madalena, São Paulo – SP)

Fonte: Café Viagem (2016)

No início, os grafites presentes no Beco eram vistos como ilegais pelo Estado. Esse fato mostra-nos a dificuldade que o grafite teve até se consolidar legitimamente como arte. Conforme ressalta Valverde (2017):

A partir de meados dos anos 1990, o Beco do Batman passa a ser reconhecido como portador de cultura legítima e associado a uma certa forma artística característica da cidade de São Paulo. Diferentes formas de arte urbana ganham visibilidade e reduzem o seu sentido marginal, em um movimento de institucionalização. Tal reconhecimento envolve a participação de diferentes instituições, públicas e privadas: as galerias e ateliês de arte, as diversas escalas de poder público (sobretudo o poder municipal), ONGs, jornais etc. O Beco do Batman passa a ser representado como um alto lugar da cultura paulistana, em franca oposição ao sentido marginal que tinha até então (VALVERDE, 2017, p. 241).

Assim, somente a partir dos anos de 1990 o grafite do Beco do Batman passa a ser apreciado como uma arte legítima, sendo institucionalizado e formalizado por meio da intervenção de diferentes atores sociais, inclusive o poder público municipal. Dessa forma, o Beco se tornou ponto turístico da cidade de São Paulo diferente do sentido marginal a ele atribuído quando surgiu.

Entretanto, a arte do grafite não é apenas uma intervenção estética no espaço urbano, ela é uma forma de expressão para as diferentes contradições que se escondem em cada rua, em cada beco da cidade. Seus murais divertem, informam, anunciam, denunciam, educam. Na seção seguinte procura-se explorar a dimensão comunicativa dessa arte de rua.

### 4. CIDADES E GRAFITES: INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E ARTE

A informação enquanto objeto de conhecimento possui aspectos cognitivos e sociais, devendo ser compreendida como "[...] um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si" (SILVA, 2006, p. 24). Dessa forma, a informação visual registrada por meio de imagens - os grafites - nas paredes da cidade, permite-nos entender com o artista representa sua cidade, como a sente e a vive.

Segundo Lefebvre (2011) a cidade é a testemunha viva do legado da história por isso:

[...] Se há uma produção da cidade e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. As condições que simultaneamente permitem e limitam as potencialidades, não são suficientes para explicar aquilo que nasce dela, nela, através dela. (LEFEBVRE, 2011, p.52).

Ao transmitir uma mensagem e instigar reflexão sobre a realidade social que é vivida nos centros urbanos o grafite permite que a cidade se consolide como espaço informativo e educativo. Como destaca Freire (2003) "A cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos" (FREIRE, 2003, p. 23). Ou seja, o grafite é capaz de mudar essa mirada estética e, assim, interferir na cultura urbana que se vivencia em torno da arte exposta em muros e paredes públicos.

Para Freire (2003), a cidade e os indivíduos são um corpo só como vemos no seguinte trecho: "A Cidade somos nós também, nossa cultura, que, gestando-se nela, no corpo de suas tradições, nos faz e nos refaz. Perfilamos a cidade e por ela somos

perfilados." (FREIRE, 2003, p.24). Assim, por meio de nós a cidade se constrói e se consolida como espaço educativo.

Leandro Tartaglia (2013) afirma que o grafite e as cidades não podem ser vistos de forma isolada, pois ambos já possuem uma relação muito forte. Como afirma, "[...] o grafite é uma maneira de compreender um ponto de vista sobre a cidade e, portanto, desvendar sua geografia urbana" (TARTAGLIA, 2013, p. 192).

Logo, o grafite tem a capacidade de comunicar uma mensagem para quem o observa. Esse tipo de arte urbana pode manifestar diferentes significações nos indivíduos que a contemplam, pois cada um tem o jeito de sentir a arte a partir do que vivenciou ou passou durante a vida. O que sentimos quando vemos esse tipo de obra de arte é subjetivo e está relacionado ao que está intrínseco a cada um (valores, visões, experiências).

Teófilo, Pereira e Lopes (2011) ressaltam o papel comunicativo do grafite nas ruas.

[...] como produção de linguagem codificada por sistemas de signos em pleno espaço da cidade, utilizando como suporte muros, fachadas, paredes, entre outras construções [...] é entendido como forma de expressão artística contemporânea que incide no espaço urbano (TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.1).

Dessa forma, o grafite se constitui como linguagem e forma de expressão que utiliza as paredes e muros da cidade como canais para transmissão de uma mensagem, consolidando-se como a linguagem da cidade e contribuindo para uma leitura diferenciada do espaço urbano. O desenho que os grafiteiros realizam possibilita que haja comunicação visual a partir da transmissão de informações por meio de desenhos, formas e cores escolhidos.

Para Albuquerque (2004), o grafite atua como uma expressão artística urbana que possui uma linguagem própria e intervém no espaço cotidiano, provocando uma ação informacional, levando o autor a defini-lo como "meio de informação alternativo" (ALBUQUERQUE, 2004, p.12), que tem a cidade como suporte e moldura para as suas manifestações.

Para o autor na contemporaneidade há novas formas de se comunicar e transmitir informações, estas são construídas "[...] num complexo de relações entre os agentes sociais e suas expressões culturais, na relação com seu meio, resultando numa

gama de significados que transcendem à própria informação" (ALBUQUERQUE, 2004, p. 14) de onde o grafite emerge como uma nova forma de expressão cultural que faz da cidade seu canal de comunicação.

Para Ferreira e Kopanakis (2015), o aparecimento desta arte urbana foi uma forma de manifestação pela falta de espaços que proporcionassem à população o contato com a arte nas cidades. Segundo os autores, a vida nas cidades fica restrita ao consumo "[...], onde os espaços de sociabilidade são transpostos aos shoppings gerando a necessidade de novas formas de se relacionar com a vida e manifestar a arte" (FERREIRA; KOPANAKIS, 2015, p. 81).

Sendo assim, o grafite como expressão artística produz uma linguagem visual que comunica e dialoga com uma parcela da população que, muitas vezes, não frequenta um museu ou um teatro, ou mesmo não se identifica com estes locais. Neste sentido, passa a ser um meio de capturar a realidade e, ao mesmo tempo, de expressá-la, "[...] em um exercício de distanciamento do ordinário, do cotidiano, da rotina e do comum, buscando ter outra visão sobre a realidade [...]" (FERREIRA; KOPANAKIS, 2015, p.82) transformando a cidade em uma galeria a céu aberto, por meio da qual se informa, se evidencia os conflitos, se educa e os grafiteiros reivindicam seus direitos.

Para Brandão e Schmidt (2008), "A trama urbana é uma composição estética que o artista interpreta, a partir de sua experiência pessoal" (BRANDÃO; SCHMIDT, 2008, p.2), mostrando-nos com este sente e percebe o meio urbano e as dinâmicas das relações ali estabelecidas. Trata-se de um processo de reflexão sobre os o espaço urbano que "[...] implica a compreensão das várias *capas* da paisagem urbana, visto que a cidade é um ente coletivo, um espaço de intercâmbio, que expressa a ideia de cidadania da comunidade" (BRANDÃO; SCHMIDT, 2008, p.2).

Como as autoras ressaltam, é por meio do olhar do outro (o artista, o grafiteiro) que o indivíduo se torna capaz de ter um olhar crítico sobre a realidade social que o atravessa, compreendendo reflexivamente os papeis sociais e os poderes que orientam esta realidade. Como Brandão e Schmidt (2008, p. 13) apontam: "Agindo sobre a nossa maneira de sentir e de pensar, a Arte é um apelo, uma solicitação capaz de despertar a consciência moral para a descoberta dos valores éticos, sociais e políticos, dando-nos uma visão mais íntegra da realidade". Além de revelar a realidade social o grafite é

capaz de expor valores éticos e morais que passam a influenciar a conduta civil de seus espectadores.

Ao estimular a descoberta de valores éticos, morais e políticos que orientam as ações do cidadão, dando uma visão mais completa da nossa realidade, o grafite passou a atuar na educação dos indivíduos. Estes a partir da observação da arte grafiteira tendem a entender e conhecer mais sobre o seu cotidiano que é pintado e desenhado nas paredes e muros das grandes cidades como "tatuagens urbanas" (BRANDÃO; SCHMIDT, 2008, p. 11)

Para Brandão e Schmidt (2008), a arte visual urbana é capaz de despertar sentimentos subjetivos em cada indivíduo que a observa, fazendo com que cada um produza uma significação sobre o próprio grafite, mas também sobre aquele espaço em que a arte grafiteira está inserida.

Além disso, a arte do grafite pode atuar como educadora, a partir do momento que fomenta a sensibilidade em seus espectadores, sendo "[...] fundamental para exercício da sensibilização e criticidade, oportunizando a manifestação de ideias e mensagens" (HENCKEMAIER, 2016, p.141). Assim, além de revelar a realidade social e oportunizar um olhar mais crítico sobre o que é vivido, o grafite é capaz de sensibilizar as pessoas para problemas sociais já banalizados na cotidianidade fluída.

Henckemaier (2016, p. 142) comenta que o grafite "[...] como ferramenta de conhecimento e expressão" pode atuar na humanização da educação. A educação humanizada refere-se a um modelo educativo mais integrado aos estudantes, que possibilita a socialização do grupo e autoconhecimento do próprio aluno mediante a interação arte-cidade-cotidiano. Dessa maneira, com o desenvolvimento da escola humanizada o sujeito, o próprio jovem, é humanizado e se reconhece como sujeito social.

As reflexões de Henckemaier (2016) vão ao encontro da ideia de Teixeira (2000) de cidade como espaço educativo. Para a autora a cidade se consolida como território e se torna "lugar de produção e do poder, lugar da ordem política, social e simbólica" (TEIXEIRA, 2000, p.138). Assim o espaço urbano, por meio da expressão artística e cultural, atua como fonte de conhecimento para os indivíduos que ali vivem.

Desse modo, a cidade pode ser vista como um espaço de educação, a partir do momento que possibilita a percepção da existência do outro indivíduo. Ou seja, a cidade

é um espaço em que ocorre o reconhecimento de um indivíduo em relação aos demais que estão ao seu redor. É nela que as pessoas conseguem trocar conhecimento e saberes que são adquiridos através da experiência que abarca desde nossas histórias até o próprio conhecimento guardado dentro de si (TEIXEIRA, 2000).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grafite é uma arte urbana que fomenta a reflexão e estimula o senso crítico em seus espectadores. A cidade, o seu cotidiano e contradições sociais, inspiram os artistas do grafite que usam seus espaços para expor sua arte, tomando-a como uma galeria a céu aberto.

Ademais, o espaço urbano, na medida em que possibilita encontro de indivíduos diferentes em um mesmo ponto, permite que haja troca de informações entre eles. Por meio dessa troca de saberes, a cidade passa a ser considerada novamente um espaço educativo.

No entanto, não é somente por este motivo que a cidade se consolida como espaço educativo. O grafite firma a cidade como espaço de educação na medida em que expõe a realidade social com todos os seus problemas, instigando olhares, passivos ou críticos, de seus espectadores.

O grafite, como arte visual, utiliza a visão como principal fonte de captação de sua estética. Por meio de estímulos visuais transmite sua mensagem aos espectadores e com eles interage, tornando a cidade suporte e inspiração para as suas criações, transformando-a em um espaço de informação e arte.

Ao utilizar os muros e paredes dos espaços públicos urbanos como canal para a transmissão de suas mensagens, o grafite ressignifica o espaço, fazendo desses artefatos sua plataforma discursiva, proporcionando aos indivíduos novos olhares sobre sua cidade.

A arte urbana encontrou no grafite sua forma de expressão mais autêntica. A beleza estética de suas formas e cores aos poucos foram conquistando a sociedade, legitimando-se como arte pública, sendo considerada a arte visual mais democrática.

Apesar do reconhecimento do grafite como arte, sua legitimação ainda sofre resistência e precisa enfrentar desafios, como o apagamento dos grafites da Av. 23 de Maio pela Prefeitura de São Paulo em 2017. Luta essa também enfrentada pelos artistas

do Beco do Batman na Vila Madalena (SP), cujos grafites eram vistos como marginais e ilegais

Mas, a arte grafiteira resiste e se impõe à cidade com suas cores e formas; anuncia e denuncia a realidade social das ruas; está presente por todo canto, mantendo uma relação indissociável com o espaço urbano. Logo, conservá-la significa conservar a história urbana inscrita nesses murais.

Nessa pesquisa atemo-nos em observar a inserção do grafite em duas grandes cidades: Rio de Janeiro e São Paulo, no entanto o tema se abre a novas discussões que abordem o grafite no âmbito de cidades de pequeno e médio porte de modo a entender como o grafite se expressa e se materializa nos diferentes contextos urbanos em que está inserido.

### 6. REFERÊNCIAS

ABRÃO, Joice Aparecida Antonello. Concepções de Espaço Geográfico e Território. *Sociedade e Território*, Natal, RN, v. 22, n. 1, p. 46-64, jan./jun. 2010.

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. O grafite como canal alternativo de informações: caminhos para uma discussão interdisciplinar em Ciência da informação *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, SP, v. 4, n. 3, p. 8-15, 2004.

BLANDER, Richard; GRINDER, John. *Ressignificando*. Programação neolinguística e a transformação do significado. São Paulo: Summus, 1986.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea C. Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 4, n. 8, p. 1-18, jan./jun 2012.

BRANDÃO, Cláudia Mariza; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. Marcas urbanas: a arte do graffiti e as relações socioambientais dos sujeitos contemporâneos. In: VII Seminário de Pesquisa em Educação na Região Sul, 2008, Santa Catarina. *Anais...* Itajaí: UNIVALI, 2008, p. 1-15.

CAFÉ VIAGEM. Beco do Batman [doc. fot.]. São Paulo, 2016.

DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins; ELOY, Gabriel de Oliveira; FERNANDES, Luiz Fernando Vargas Malerba. Concretos que falam: análise comparativa de grafites sob vias suspensas nas cidades de São Paulo e Lorena/SP, *Pontourbe*, São Paulo, v.20, p.1-20, maio de 2017.

FREIRE, Paulo. Educação permanente e as cidades educativas. In: FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 7. ed. São Paulo: Cortes, 2003. p. 16-26.

FERREIRA, Manuela Lowentha; KOPANAKIS, Annie Rangel. A cidade e a arte: um espaço de manifestação. *Tempo da Ciência*, Toledo, PR, v. 22, n. 44, 79-88, 2° semestre. 2015.

GOTTARDO, Tais. *Etnias* [doc. fot.]. Rio de janeiro, [2018]. Grafite de autoria de Eduardo Kobra. Disponível em: https://www.foap.com/photos/etnias-painel-de-eduardo-kobra-representando-as-etnias-dos-cinco-continentes-rio-de-janeiro-brasil-44c4c687-38be-4105-b370-07117c2b6619 Acesso em: 20 ago 2019.

GOULART, Julia Castello. O grafite e a cidade linda. [São Paulo], 2017.

HENCKEMAIER, Luciane Izabel Ferreira. Educação pela arte do grafite em uma escola pública: uma proposta de participação. *Educação artes e inclusão*, Florianópolis, v.12, n.2, p.141-157, jul. 2016.

HUMPREYS, Charles. [Grafite da Av. Rebouças (doc. fot. São Paulo, SP)]. BBC Brasil, 2016. Grafite de autoria de Eduardo Kobra. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608\_blog\_para\_ingles\_ver\_grafit es\_sp\_charles\_humphreys Acesso em: 18 jul 2019.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5° ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MOLENA, Núria *Grafite. Da transgressão à integração, 1950-2015.* São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2015.

PROJETO GRAFITE CONTRA O LIXO. *Grafite Guanhanases* (São Paulo – SP) Fala! Universidade, [201-?].

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, USP, 2002.

SILVA, Armando Malheiro da. *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Ed. Afrontamento, 2006.

STORI, Norberto; MARANHÃO, Romero de Albuquerque de. O mural "Etnias" de Eduardo Kobra na cidade do Rio de Janeiro. World Congress on Communication and Arts, 10. Salvador, de 23 a 26 de abril de 2017. *Anais...* Salvador: WCCA, 2017. Disponível em: http://copec.eu/wcca2017/proc/works/17.pdf Acesso em 10 ago. 2019.

TARTAGLIA, Leandro. A paisagem e o grafite na cidade do Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 7, 2013, p.191-202.

TEIXEIRA, Claudia Hlebetz. *A (des)ordem das falas:* relevos invisíveis na geografia da cidade. Niterói, 2000. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

Elisabete Gonçalves de Souza Geografia, Literatura e Arte, v.2, n. 1, p. 141-159, jan./jun.2020 Letícia de Souza Blanco DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.167946

TEÓFILO, Ana Bárbara de Souza; PEREIRA, Mirna Feitoza; LOPES, Valter Frank de Mesquita. Grafite como linguagem: apontamentos teóricos e metodológicos de estudo sobre as interferências do espaço da cidade na manifestação do grafite. In: Congresso De Ciências da Comunicação na Região Norte, 10, 2011. *Anais...* Boa Vista, INTERCOM, 2011.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felippe. Os limites da inversão: a heterotopia do beco do Batman, São Paulo. *Boletim Goiano da Geografia. (online)*. Goiânia, v. 37, n. 2, p. 225-244, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/49153/pdf Acesso em: 26 jul. 2019.

Recebido em 22/03/2020. Aceito em 04/09/2020. Publicado em 15/10/2020.